

# Uma antropologia cristã no contexto da pós-modernidade

*D. Ignazio Sanna*

## 1. O conceito de pós-modernidade.

Não é fácil hoje definir pós-modernidade, porque, como se sabe, os estudiosos do assunto não estão de acordo se devemos falar de modernidade inacabada ou modernidade ultrapassada. Se, porém, devêssemos prescindir do debate atual, se pode definir a pós-modernidade como "um estilo de vida e pensamento que se distancia das ideias dominantes da modernidade, em particular da ideia de uma única racionalidade lógico-metafísica, do progresso da humanidade ligado ao conhecimento técnico, de uma única verdade filosófica e religiosa válida para todos, de um universalismo da natureza humana, despido dos imprevistos e das mudanças da história, e afastado das múltiplas contextualizações sociais e culturais de sua essência". A pós-modernidade, em uma palavra, seria a dissolução da síntese cultural moderna e o advento do pensamento fraco e a crise da razão. Nas palavras do sociólogo polonês Zygmunt Baumann, pós-modernidade é a "modernidade sem ilusões".

## 2. As coordenadas da pós-modernidade: pluralismo, subjetivismo, niilismo.

Se essa definição é válida, as coordenadas conceituais da pós-modernidade podem ser identificadas em uma concepção pluralista da realidade, na prevalência da racionalidade estética sobre outras formas de racionalidade, na difusão do niilismo teórico e prático. Consequentemente, os nós antropológicos da pós-modernidade devem ser buscados dentro dessas coordenadas. Simplificando ao máximo a complexidade das ideias, elas poderiam ser reduzidas a uma série de passagens: do homem que compartilha uma única verdade ao homem que

compartilha muitas verdades; do homem que reconhece uma única racionalidade objetiva ao homem que considera válidas muitas experiências subjetivas diferentes; do homem que vive uma única moral ao homem que aceita múltiplas opções éticas. No contexto deste ensaio sobre os nós antropológicos da pós-modernidade, quero focalizar sobretudo os aspectos dessas coordenadas conceituais e dessas passagens que, indiretamente, contribuem para a elaboração de uma antropologia não reflexiva, que determina o inconsciente coletivo e orienta as escolhas existenciais dos indivíduos. Esses aspectos eu os agrupo por uma exigência sistemática em três nós problemáticos que chamo respectivamente: ética do viajante, dilatação do desejo e perda da esperança.

### **3. Pluralismo e ética do viajante.**

No que se refere, então, à passagem da aceitação de uma única verdade forte para a aceitação de muitas verdades fracas, isto é, a passagem de uma verdade metafísica para uma verdade histórico-hermenêutica, pode-se afirmar que o subjetivismo experiencial e individualista que se segue, espelhando diretamente o politeísmo dos valores, levou ao declínio hoje da concepção de homem jurídico e ao nascimento da concepção de homem de valores. Com base nessa concepção particular, possui lei somente aquilo que possui valor e não possui valor aquilo que somente possui lei. Cada vez mais frequentemente o homem pós-moderno é chamado a decidir sem verdade e isso leva a um excesso de frõnese, enquanto sabedoria prática, sobre qualquer outra instância da verdade. Quando não se dispõe uma norma, recorre-se à sabedoria, à prudência, à filosofia prática e à discricionariedade (termo eclesiástico para mistificar a arbitrariedade). Paradoxalmente, não há certezas matemáticas, no tempo da tecnologia e das previsões.

Não há mapas geográficos no tempo da união das terras. Aquilo que acontece não é o aquilo que acontece o tempo todo, mas aquilo que acontece sempre mais. O tempo dos “se” tem precedência sobre o tempo do “que”. A hipótese prevalece sobre a certeza. As ideologias desmoronaram-se e, com esse desmoronamento, desmoronou-se também o domínio da pertença e se desencadeou um processo migratório que não conhece fronteiras na geografia da vida. Os usos e os costumes estão contaminados, porque não há mais uma propriedade, um território, uma fronteira. A ética que deriva dessa situação é uma ética que dissolve certezas e cercas e se configura como uma ética do passageiro, que não apela à lei, ao direito ou à norma, mas à experiência <sup>1</sup>. O homem desterritorializado tem referências pontuais, apela mais à história do que à natureza. A ética do viajante não tem mapas, mas inventa o percurso de tempos em tempos, em uma espécie de navegação existencial pela vista. A ética do viajante é a única que pode ser proposta na era da tecnologia, pois as descobertas da ciência são cada vez mais novas e imprevisíveis e não permitem soluções que possam ser deduzidas de princípios universais e imutáveis: pensemos nas polêmicas teses sobre fertilização artificial, clonagem, mutações transgênicas.

As ciências técnicas aumentaram enormemente a capacidade de fazer, mas não a capacidade de prever. Não há objetivos certos. O mundo é um mar aberto. O significado está no acontecimento, não na realização de um projeto, no alcance de uma meta, no cumprimento de uma promessa. A ética do viajante não prevê nada de fixo, de seguro, de estável. Não tem terra firme. Ulisses é o herói do mar. Abraão é o herói da terra firme.

Na situação pós-moderna de sociedades cada vez mais globalizadas, a uma multiplicidade de culturas e tradições corresponde uma multiplicidade de leis e direitos, cuja aplicação tem cada vez menos validade universal e interpretação cada

---

<sup>1</sup> GALIMBERTI, U. L'etica del viandante, Feltrinelli, Milão 2023

vez mais "prudencial" ou discricionária. Gostaria de chamar a atenção, a este respeito, para um aspecto muito particular do pluralismo no âmbito ético, representado pelo chamado "turismo de direitos". Baseado nessa possibilidade, um direito negado pela lei de sua própria nação pode ser reconhecido por outra lei em outra nação. As regras que normatizam a vida e a morte, como a eutanásia, o aborto, a reprodução assistida e a produção de células-tronco, não são homogêneas e podem variar muito de país para país. Essas diferentes regras expressam e codificam valores diferentes e modelos culturais pluralistas. Na Europa, hoje, se pode ir morrer na Holanda, porque a lei reconhece o direito de pedir a eutanásia, e se vai criar embriões para fins de pesquisa na Inglaterra, porque o governo britânico não assinou a Convenção Europeia de Biomedicina. Em vez de impor regras comuns, proibições globais, considera-se mais profícuo distinguir caso a caso, estabelecer onde são necessários princípios comuns e onde, em vez disso, é preferível respeitar ou mesmo promover a diversidade. A crescente unificação da Europa e, em particular, a liberdade de circulação de um país para outro, leva os cidadãos a se deslocarem para procurar um lugar onde possa ser reconhecido um direito negado no seu próprio país. Esses comportamentos sociais são julgados como sinal de um modo diferente de viver e construir valores individuais e coletivos, aos quais a variada disciplina dos direitos oferece concretamente a oportunidade de se realizarem. Pensa-se, além disso, que o turismo de direitos desenvolva a função benéfica de possibilitar a coexistência não conflituosa entre sistemas de valores diferentes que, forçados a conviver dentro dos estreitos limites de seu próprio país, acabariam fatalmente colidindo.

Um exame atento desses comportamentos sociais e da sua homologação ética, no entanto, além dos muitos aspectos problemáticos que o turismo de direitos acarreta, não pode escapar à constatação de que a concreta conquista do pluralismo de direitos é, na realidade, puramente virtual. O fato de que se deva frequentemente

ter de ser "emigrante de direito" para poder satisfazer no estrangeiro exigências impossíveis de satisfazer em sua própria pátria, leva então a uma estratificação dos cidadãos em classes. O cumprimento de direitos básicos como o direito à saúde, na verdade, está subordinado à posse de meios econômicos adequados, que apenas uma pequena parte de cidadãos pode dispor. Tomemos em consideração, por exemplo, a busca por saúde através do recurso de transplantes em clínicas compatíveis, que são abastecidas através de um verdadeiro comércio de órgãos. Certamente, esses transplantes garantem o direito à saúde de poucos afortunados. Atropelam, porém, a dignidade humana de muitos infelizes.

#### **4. Subjetivismo e dilatação do desejo.**

No que diz respeito à passagem de uma única racionalidade objetiva para muitas experiências subjetivas, do compartilhamento de uma verdade para o compartilhamento de uma emoção, não há dúvida de que o primado do sentimento sobre a razão provocou certa dilatação do desejo. Passamos da cultura dos direitos humanos para aquela do homem de direitos e o direito mais reivindicado o direito ao prazer, entendido como fonte e base da felicidade. O prazer, na produção da felicidade, substituiu a virtude. Todo prazer possível e experimentável é legítimo, simplesmente porque pode ser experimentado e não porque é moralmente bom. Se deseja de tudo, sem precisar de nada. Alguém se sente livre na medida em que é capaz de satisfazer mais desejos e é capaz de satisfazer mais desejos, na medida em que tem mais meios e mais dinheiro. Hoje, a necessidade transformou-se em escolha, porque o indivíduo, livre das tradições e do controle social, começa a tornar-se o seu próprio deus, moldando a realidade de acordo com os seus próprios desejos. Muito se produz e pouco se consome, pois, os produtos são funcionais não às necessidades, mas aos prazeres, ao tempo livre, aos hobbies. O bem-estar material generalizado democratizou o luxo e dá muito mais oportunidades para comprar

objetos caros, visitar lugares distantes e, portanto, expandir o desejo <sup>2</sup>.

Ora, se se olha em profundidade para esta realidade, se pode afirmar que, na base da expansão do desejo, como aliás na base do turismo de direitos de que já falamos, existe sobretudo um fator econômico. Quem tem mais dinheiro tem mais possibilidades. Também o mesmo o conhecimento das coisas a serem desejadas está submetido, de alguma forma, ao direito econômico, pois os centros de informação são acessíveis apenas a quem dispõe de relevantes recursos econômicos. Em última análise, na base da expansão do desejo está o *homo oeconomicus*, o homem que tem, não o homem que é. Hoje, todos desejam tudo e, no final, se consomem também os desejos. Se viaja por todo o mundo sem começar de sua escrivaninha, porque cada um do seu computador pode percorrer as rodovias de comunicação que chegam aos cantos mais remotos de todo o mundo. Se amam tantas pessoas, sem encontrar nenhuma delas fisicamente, mas entrando em contato com todas apenas virtualmente.

Algumas formas emblemáticas da dilatação do desejo podem ser consideradas a mentalidade monetarista, que leva as pessoas a ganhar dinheiro fácil com a especulação do mercado de ações. A reivindicação do direito à maternidade para além da idade civil, com a duplicação e às vezes até triplicação da maternidade, porque passamos da mãe biológica, para a mãe grávida, para a mãe social (Nesse sentido, é preciso distinguir entre ter um filho e dar a vida. Esses dois aspectos são conjuntos e interdependentes. O desejo de ter é legítimo, mas também pode ser ou tornar-se uma forma de egoísmo refinado. É preciso recordar que uma vida é dada, e uma vez que essa vida é dada, ela não pertence mais a quem deu, mas é um novo sujeito de direitos e deveres que devem ser garantidos, e que não são mais direitos e deveres da mãe.

Os direitos da mãe devem ser harmonizados com os direitos do filho. Entre

---

<sup>2</sup> MUSCHERÀ B. G. *Ontologia del desiderio in Pietro Prini*, Gênova-Milão: Marietti, 2005

os direitos do filho há também o direito de saber a paternidade.) O uso cada vez mais difundido das drogas, pois com elas se quer dilatar o tempo de prazer, da excitação, da força, da felicidade artificial. A fome dos ricos, ou seja, a anorexia e a busca do emagrecimento, que não satisfaz a necessidade de sobrevivência, mas amplia o desejo pela aparência.

**4.1** Para enfrentar o desafio dessa cultura particular, a meu ver, seria necessário passar da dilatação do desejo para a educação do desejo, compreendendo este último segundo sua origem semântica: de-sidera, vinda das estrelas. Dizer que as coisas que desejamos provêm das alturas das estrelas é equivalente a dizer que é preciso educar para a espiritualidade e a verticalidade. Hoje há muita horizontalidade e o desejo foi alienado e reduzido ao simples prazer estético. Isso leva à depressão e à solidão, porque o espaço horizontal que ocupo não pode ser ocupado por outro, e então sou forçado a permanecer na minha solidão. O consumismo também é individualismo e o individualismo leva ao egoísmo e à solidão. É uma ilusão pensar que o mundo de hoje é verdadeiramente unificado. A globalização econômica e cultural corresponde frequentemente ao isolamento existencial: se vê tudo sozinho e nem sequer há a possibilidade de comunicar aos outros as nossas impressões, as nossas esperanças, os nossos medos. (Para Gadamer, a televisão é a cadeia dos escravos à qual está ligada a humanidade de hoje. A TV é o contrário do diálogo, o contrário da comunicação recíproca. Um só fala para milhões que não dizem nada. É um sistema escravocrata. O sistema televisivo ameaça, através da indústria mediática, transformar a democracia em oligarquia, despojando o povo da sua soberania. Não é à toa que K. Popper definiu a televisão como uma professora ruim <sup>3</sup>. A globalização, com a mobilidade contínua do mercado de trabalho, destruiu aquela dimensão privada constituída pela família, pela amizade e pelas relações de vizinhança, que, por si só, é capaz de dar sentido à

---

<sup>3</sup> Cf. POPPER, C, *Cattiva maestra televisione*, Venezia: Marsilio, 2002

vida. Perdeu-se o sentido da eternidade, que é considerado como extensão e dilatação do tempo ao infinito, e não mais como plenitude da vida. O tempo é a hemorragia do sentido, é a perda do sentido, enquanto a eternidade não está relacionada à extensão do tempo, mas à qualidade de vida. Se a origem e o sentido da vida são provenientes das estrelas, então essa origem e sentido da vida podem ser discernidos até mesmo nas ações mais cotidianas, que podem ser comparadas a tantas gotas de água, nas quais, segundo uma expressão de Karl Rahner, o céu é refletido.

Hoje se sente, sem dúvida, a necessidade de espiritualidade. Essa, porém, não é educada, não é percebida como uma necessidade a ser satisfeita, mas como um desejo de ser gratificado. Torna-se uma forma de consumismo. As agências de viagens oferecem fins de semana de espiritualidade, os passeios aos conventos, as meditações em grupo. Mas nem todo mundo pode se dar ao luxo de sair de casa e da família para encontrar lugares de silêncio e espaços de meditação. Para uma mãe de três filhos, o silêncio é um luxo, mas a espiritualidade é uma necessidade irreprimível e seria necessário então inventar modos e meios para que também ela possa nutrir os desejos da alma. A nova era, que se torna cada vez mais popular no mundo dos jovens e dos menos jovens, não é certamente a receita certa para expandir a fruição da espiritualidade, porque também ela é substancialmente uma forma de consumismo religioso, que permanece em um nível horizontal. Nela faltam, entre outras coisas, o sentido da graça e a concepção do pecado.

Educar o desejo significa dirigir o coração e os sentimentos para o alto, para a origem da vida e para a fonte do sentido. Significa também ordenar sentimentos para cultivar ideais possíveis, no respeito aos limites, de modo a não cruzar o limiar do desejo. A educação do desejo, para os cristãos, leva a uma ética do sacrifício, que é motivada pela crença de que Deus recompensará até mesmo um simples copo de água dado com amor. Para os leigos não crentes, ela conduz ao *pathos* de um fim

distante de alcançar, que é sustentado pelo conforto de sacrificar-se pelas gerações futuras. A recompensa não está no tempo, mas além do tempo, porque a história, para o cristão, não é o horizonte último, não é o tribunal supremo. O que lança luz sobre o agir e o sofrimento no tempo é o alcance escatológico da vida eterna.

A educação do desejo, mais do que olhar para longe, até onde o progresso pode levar, ajuda-nos a olhar para o alto, de onde provém o sentido do progresso, isto é, de Deus, garantia do futuro, porque Ele é o criador da história passada. Se se estabelece uma ordem em sua própria vida e no próprio desejo, se se usa a virtude da prudência no próprio projetar, então o *ethos* da responsabilidade toma o lugar do *ethos* da renúncia. A fé cristã, de fato, não educa os que renunciam, mas os responsáveis. É verdade que a mística da renúncia e da cruz se substitui frequentemente pela própria realidade da cruz. Mas a vida é complexa em si mesma, basta tomá-la por aquilo que ela é.

**4.2** A educação do desejo deve conduzir da moral do Decálogo ao testemunho das bem-aventuranças. O simples Decálogo, de fato, constitui a base, o fundamento da casa, é o *humanum*, aquilo que é necessário para que o homem seja homem. A moral do Decálogo, considerada em si mesma e sozinha, pode nivelar a Igreja com outras agências sociais que promovem valores de filantropia e solidariedade. A cultura laica bate palmas para as atividades sociais da Igreja, que suprem as evidentes deficiências do Estado. Mas se deve estar muito atento quando os leigos batem palmas para os homens da Igreja. Pode ser que esses aplausos sejam a certificação do caráter religioso, mas não do caráter cristão do nosso agir. O teísmo ou deísmo generalizado é apenas o contrário do ateísmo, mas não o equivalente do cristianismo. Não basta ser religioso para ser cristão, mesmo que ser cristão leve a ser religioso. Não vendamos a carga profética do nosso testemunho sacramental, não nivelemos os ideais do Evangelho na promoção de valores imanentes da convivência civil. Devemos ter a coragem de não dar respostas, mas de cultivar

perguntas, de educar para ter as nossas próprias ideias e não respostas às ideias dos outros, de propor ideias que "custam pelo que valem e não pelo que produzem". No horizonte da fé cristã também hoje permanece o martírio, tanto nas suas raras formas cruentas como nas suas frequentes formas incruentas.

## 5. Nihilismo e perda da esperança.

No que diz respeito, finalmente, à passagem da única moral objetiva para as muitas opções éticas, a consequente difusão do nihilismo teórico e prático produziu uma espécie de homem nihilista, que vive no seu dia a dia, sem saber exatamente para onde está indo, o que é melhor fazer ou não fazer, qual o sentido último de seu trabalho, do seu sofrer, do regozijar, de ser livre etc. A liberdade é reduzida apenas e sempre à espontaneidade. A consciência não indica mais um juízo especulativo sobre a moralidade de sua ação, mas um julgamento sobre a sinceridade sobre aquilo no momento que ele sente ou não vontade de fazer. O seu estado de espírito, produzido por esse declínio das certezas filosóficas, éticas e teleológicas, é definido, de tempos em tempos, como: desorientação, naufrágio, estranhamento, desencanto, desorientação, desertificação. A excessiva esperança das décadas passadas foi substituída por uma crise generalizada de esperança. E como já estava difundida a desconfiança em relação à tradição, essa queda de confiança no futuro deixou o homem sem raízes e sem futuro. Os únicos valores que ainda importam são a capacidade pessoal de conduzir negócios (uma espécie de vontade nietzschiana de poder), a utilidade econômica e a identidade territorial. Mas estes são valores que ensinam ao homem apenas o uso dos meios para a vida. Eles nos ajudam a caminhar, mas não são capazes de nos dizer para onde devemos ir nem que sentido tenha o peregrinar do homem. Para orientar-se sobre a meta ou destino último do homem, é necessário conhecer os fins da existência humana, e são estes que faltam hoje. Daí um temível vazio interior do homem contemporâneo, uma perda generalizada de

sentido, o obscurecimento da inteligência e a escassez daqueles bens que outrora iluminavam a existência interior, como a teologia, o ascetismo, o misticismo, a metafísica.

Entre as múltiplas consequências do niilismo, merece particular consideração de modo especial a dissolução pós-moderna do tempo e da história, que conduz inevitavelmente a uma realidade particular: a crise da escatologia. De fato, no niilismo, a fé na conclusão da história desapareceu amplamente em grande parte das consciências. O horizonte da esperança foi rebaixado ao horizonte da expectativa, o enigma do "chamado mal" e o sentido do pecado foram rebaixados a uma experiência instintiva de agressividade e erro. A escatologia é entendida como aquele conjunto de fatos que acontecem depois desta história terrena, depois desta vida precária, não como a dimensão eterna que anima toda a história do crente individual e de toda a comunidade eclesial. O tempo é considerado como um recipiente vazio que é preenchido de fatos, eventos, de pessoas, e não como a dimensão que o próprio Deus adquire após a Encarnação, como a realização da promessa divina, do designo eterno de Deus, do sonho divino de salvação para todos os homens, o conjunto dos momentos propícios divinos, as *chairòì*, que formam o tecido interno da história humana e cristã. Se o tempo é como a divindade pagã Krónos, que come seus filhos, isto é, consome, destrói, anula fatos e pessoas, a história se reduz a uma crônica e a crônica se torna história.

A perda da esperança escatológica e da dimensão teológica do tempo conduz inevitavelmente a uma forte orientação para o tempo e a mundanização do eterno. O sentido da existência humana, tanto individual como coletiva, consiste em obter o melhor da vida terrena. Também a ideia de reencarnação, em sua versão ocidental, se enquadra nesse sentimento pós-moderno de vida. O homem europeu, de fato, quer regressar a esta vida, porque não reconhece a singularidade e a irrepitibilidade da história e de cada vida humana, bem como a importância existencial da nossa

existência histórica. Paradoxalmente, também a vida humana se tornou uma espécie de consumo, um produto que pode ser adquirido e readquirido. Se a vida humana é produzida, se ela é "feita" pelo poder da técnica e da manipulação genética, então ela também pode ser "desfeita" pelo mesmo poder da técnica e da manipulação genética.

## 6. A antropologia cristã e homem imagem de Deus.

Para concluir esta breve exposição de alguns nós antropológicos da pós-modernidade, gostaria de mencionar uma possível atitude que deveria se assumir diante deles. Penso que uma contribuição para enfrentar e, em certa medida, resolver esses nós antropológicos é dada pela concepção da antropologia cristã do homem como imagem de Deus. Esta concepção, de fato, constitui em primeiro lugar a base teórica e prática do conceito de dignidade do homem, que fundamenta e solidifica a "humanidade" do homem. A cultura e a filosofia ocidentais restringiram os limites da dignidade humana dentro dos limites muito estreitos da racionalidade e colocaram-se no centro do mundo, estabelecendo arbitrariamente que apenas o que é racional é humano e universal, e identificando o racional com o ocidental. O pensamento ocidental, assim procedendo, fechou-se à riqueza teórica e evocativa do Oriente e de todo o Terceiro e Quarto Mundos. A falência da onipotência da razão e os seus terríveis insucessos nos campos da política, da vida social e do progresso moral da humanidade obrigaram a reflexão teológica a reorientar a antropologia cristã para a categoria da dignidade humana, que encontra seu último fundamento na imagem de Deus. A declaração conciliar *Dignitatis humanae*, sobre a liberdade religiosa, tem como ponto de partida do seu argumento e como base de uma antropologia cristã precisamente a dignidade da pessoa humana, que deve ser respeitada de forma fundamental por todas as instituições. A ideia de dignidade humana é uma categoria mais universal do que a da racionalidade humana, porque

está aberta a valores que não são apenas racionais e está aberta sobretudo a múltiplas racionalidades que não são apenas as da filosofia ocidental. A fé cristã liga este conceito de dignidade do homem ao próprio Deus e, portanto, ao transcendente, que está acima e na base dos valores humanos.

Em segundo lugar, essa concepção do homem como imagem de Deus de alguma forma abre novas perspectivas que ajudam a superar as contradições dos nós antropológicos que examinamos. À ética do viajante, por exemplo, se contrapõe a ética do peregrino. De fato, no início da jornada de Abraão, pai de todos os crentes na história e modelo de vida responsorial, há uma promessa. Essa promessa transforma a história humana na história da salvação divina e transforma o vagar de todos os nômades na terra em uma jornada de peregrinos do céu. A vida humana tem uma meta, uma finalidade intrínseca, e a vocação do homem consiste precisamente na consecução dessa meta. Ninguém nasce por acaso e morre por acaso. O acaso na perspectiva cristã da história não existe. Com razão, foi escrito por Anatole France que o acaso é o pseudônimo de Deus quando ele não se assina por extenso. Na realidade, a história tem um fim, porque todo acontecimento passa, porque tudo se põe e morre, mas ao mesmo tempo também tem um fim, porque, além de cada pôr do sol nesta terra, há um nascimento para a eternidade. A morte, para o cristão, é a passagem da existência para a vida.

À expansão do desejo, a concepção da imagem opõe a verticalização dos ideais. De fato, o homem nasceu para olhar para o alto e não apenas para olhar ao redor. O animal olha para a terra. O homem olha para o céu. O olho do corpo vê coisas e objetos, o olhar da alma vê a auréola da eternidade escondida atrás das mesmas coisas e dos mesmos objetos. Para o pequeno príncipe, segundo Saint-Exupéry, o essencial é invisível aos olhos. Um único horizonte terreno não é suficiente para esgotar toda a força do olhar humano. O amor de uma pessoa não esgota a plena capacidade de amor do coração de um homem e de uma mulher.

O homem supera infinitamente o homem. É *capax Dei*. Está aberto ao Absoluto.

À perda da esperança, a concepção da imagem contrapõe a nostalgia do infinito. A inquietação do coração humano não é o tormento da pesquisa sem êxito, mas a ansiedade do encontro esperado e aguardado. Deus não está fora do coração humano, mas no seu íntimo. É agostinianamente mais íntimo de quanto não o seja o homem para si mesmo. Essa presença divina no coração humano, oculta mas real, procura um sentimento de nostalgia. Nostalgia da ulterioridade, da perfeição, da plenitude, da completude, um retorno à ordem do "começo". O passado é a projeção do futuro. O início é a profecia do fim. Assim como o tempo condiciona a nossa eternidade, também a eternidade condiciona e ilumina nosso tempo.